

## A Educação para as Relações Étnico-Raciais na Educação Superior: possibilidades em pesquisa-ação

**Lizandra Sodré Sousa<sup>1</sup>**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7518-7461>

**Herli de Sousa Carvalho<sup>2</sup>**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1503-4468>

### Resumo

O presente artigo visa apresentar as contribui es da pesquisa-a o na Educa o para as Relac es  tnico-Raciais na Educa o Superior. A pesquisa-a o caracteriza-se por ser uma pesquisa em a o. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico sob o olhar qualitativo. A partir da apresenta o das características e fundamentos da pesquisa-a o, busca-se refletir sobre suas possibilidades como prática investigativa no âmbito do combate ao racismo no contexto universitário. Para isso, utilizou-se da pesquisa qualitativa por meio da revisão bibliográfica, com destaque para os estudos de René Barbier (2007), Thiollent (1986), dentre outros. Identificou-se que a pesquisa-a o enquanto metodologia de caráter colaborativo e interventivo na realidade investigada busca incitar reflexões que conduzem a mudanças efetivas na prática. Desse modo, apresenta-se como uma estratégia necessária   área educacional, pois permite o aprofundamento na temática das rela es étnico-raciais e o desenvolvimento de a es que promovam a igualdade étnico-racial na universidade.

**Palavras-chave:** pesquisa-a o; rela es étnico-raciais; educa o.

### Abstract

This paper aims to present the contributions of action research in education to ethnic-racial relations in the context of Higher Education. Action research is characterized by acting and researching simultaneously. It is bibliographic research under a qualitative perspective. From the presentation of the characteristics and foundations of action research, we seek to reflect on its potential as an investigative practice for fighting racism in the University context. Therefore, we used qualitative research through literature review, highlighting the studies conducted by René Barbier (2007), Thiollent (1986), among others. We found out that action research, as a collaborative and interventional methodology to investigated reality, seeks to encourage reflections that lead to effective changes in practice. Thus, it presents itself as a necessary strategy in the educational area, as it allows the deepening of ethnic-racial relations theme and the development of actions that promote ethnic-racial equality in the University.

**Keywords:** action research; ethnic-racial relations; education.

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Gradua o em Forma o Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED), da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, campus Imperatriz. Especialista em Avalia o Psicológica pelo Instituto de Pós-gradua o e Gradua o - IPOG. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Psicóloga do Serviço de Assistência Estudantil da UFMA, campus Imperatriz. Membro do grupo de pesquisa Diálogos Interculturais e Práticas Educativas (DIPE). E-mail: [lizandra.sodre@ufma.br](mailto:lizandra.sodre@ufma.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educa o pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Mestre em História Social pela Universidade Severino Sombra. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Professora no Programa de Pós-Gradua o em Forma o Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED) da UFMA, campus Imperatriz. Membro do grupo de pesquisa Diálogos Interculturais e Práticas Educativas (DIPE). E-mail: [herli.sousa@ufma.br](mailto:herli.sousa@ufma.br)

## 1 Introdução

O trabalho é fruto de estudos e reflexões desenvolvidos na disciplina de Fundamentos Metodológicos da Pesquisa junto ao Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas-PPGFOPRED, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz, tendo como objetivo discutir a metodologia da pesquisa-ação e suas contribuições no âmbito da Educação para as Relações Étnico-raciais, mais especificamente no contexto da Educação Superior.

A Educação para as Relações Étnico-raciais é uma temática imprescindível que deve perpassar os mais diversos níveis educativos, desde a pré-escola até a pós-graduação. A pluralidade sociocultural é inerente à realidade a qual estamos inseridos e às instituições educativas, sejam de nível básico ou superior, devem desenvolver uma educação que contemple efetivamente todos e todas que acessam os espaços de ensino e aprendizagem, considerando aspectos de gênero, raça, etnia etc. Nessa perspectiva, a descolonização de práticas, currículos e diretrizes educacionais mostra-se urgente para a desconstrução de uma educação que está unicamente a serviço das classes mais abastadas da população em detrimento das minorias historicamente subalternizadas.

Cada vez mais, compreende-se a importância de não simplesmente viabilizar oportunidades de acesso à educação para aqueles que foram tradicionalmente invisibilizados, mas, principalmente, de possibilitar a integração dos diferentes sujeitos socioculturais nos mais diversos espaços educativos. Não obstante a isso, observa-se a carência de práticas e estudos com essa perspectiva na Educação Superior, principalmente no que se refere ao desenvolvimento de pesquisas com o foco na intervenção e transformação da realidade.

É nesse cenário que se insere a pesquisa-ação, que se constitui uma metodologia de pesquisa que busca produzir mudanças na realidade investigada de forma conjunta com os participantes que estão inseridos naquele contexto. É uma proposta que não tem o pesquisador como agente principal da investigação, mas constrói o conhecimento de forma compartilhada com a finalidade principal de incitar mudanças de práticas e a intervenção na realidade investigada. A perspectiva transformadora da pesquisa-ação faz dela uma metodologia diferenciada que não se limita à constatação de uma realidade desigual como a sociedade racista em que estamos inseridos.

Por seu caráter de construção coletiva e intervenção na realidade, a pesquisa-ação se mostra uma metodologia crucial nos estudos que colocam em tela a realidade étnico-racial no contexto educativo. A mera teorização da temática mostra-se insuficiente no que tange a uma efetiva erradicação de práticas racistas na Educação e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de relações raciais que não sejam fonte principal de sofrimento para estudantes que se autodeclaram negros. Portanto, há uma urgência de mudanças práticas que contribuam para o desenvolvimento de relações étnico-raciais mais saudáveis nas universidades.

Por ser de natureza bibliográfica, o artigo fundamenta-se em alguns teóricos que subsidiam a discussão sobre a pesquisa-ação e as relações étnico-raciais no contexto universitário. Para tratar sobre a pesquisa-ação, utilizaremos dois teóricos principais: Thiollent (1986) em sua obra *Metodologia da Pesquisa-Ação* e Barbier (2007) com a obra *A pesquisa-ação*. Os referidos autores abordam a conceituação, caracterização e os fundamentos que regem a pesquisa-ação. Para abordarmos os aspectos relativos à educação para as relações étnico-raciais serão trazidos alguns conceitos de autores, como Gomes (2008) e Almeida (2019), que possibilitam em suas escritas um maior aprofundamento da temática étnico-racial.

Partindo desses pressupostos, compreende-se que este trabalho se mostra relevante a nível acadêmico, profissional e social. Em nível acadêmico, porque produzir trabalhos que

demonstrem a importância da pesquisa-ação no que tange às relações étnico-raciais na Educação Superior pode subsidiar teoricamente a atuação dos profissionais das mais diversas áreas no que se refere à desnaturalização do racismo. Portanto, ao mesmo tempo em que traz avanços científicos também conduz a reflexões e consequente mudança de práticas consideradas negativas, produzindo contribuições também a nível profissional. Por fim, a nível social notamos o impacto dessas modificações na realidade em que a intervenção é desenvolvida, especialmente no contexto universitário será benéfica para os estudantes que poderão concluir seus percursos acadêmicos de forma digna. Nesse sentido, há inúmeros ganhos no estudo dessa temática.

O artigo está dividido em duas seções. Inicialmente busca-se caracterizar a pesquisa-ação, trazendo apontamentos sobre a pesquisa qualitativa enquanto eixo estruturante desta metodologia. Após a compreensão mais ampliada da pesquisa qualitativa são apresentados elementos de conceituação da pesquisa-ação, trazendo suas principais características e proporcionando uma visão aprofundada dessa modalidade de investigação. Na segunda parte do trabalho, aborda-se mais especificamente a questão étnico-racial na Educação Superior traçando uma relação com a pesquisa-ação. Nesse tópico, parte-se da pesquisa-ação e de suas peculiaridades para afirmar a importância desse tipo de pesquisa no que se relaciona à temática étnico-racial nas Instituições de Educação Superior (IES).

## **2 Abordagem qualitativa: possibilidades em pesquisa-ação**

O conhecimento científico é sempre uma busca de inter-relação entre uma teoria e a realidade empírica, essa articulação só pode ser viabilizada através do uso do método. No decorrer do processo de investigação científica, o pesquisador precisa delinear um caminho de ordem metodológica que vai direcioná-lo ao longo de toda a pesquisa. O percurso metodológico é, portanto, definido tendo como base o objeto de investigação, não podendo ocorrer de forma aleatória ou desconsiderando os parâmetros científicos necessários. Minayo e Sanches (1993) afirmam que um bom método precisa ser apropriado ao objeto e, para além disso, deve ser executável, permitindo uma construção correta dos dados e consequente reflexão sobre a dinâmica da teoria.

Partindo desse pressuposto, observa-se que nas investigações científicas predominam duas formas de abordagem: as de método quantitativo e as de método qualitativo. Ambas possuem natureza diferenciada, podendo ser complementares entre si no que tange à compreensão da realidade social. De acordo com Minayo e Sanches (1993), na primeira, um dos principais objetivos é trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis, podendo agregar grande número de dados, classificando-os e tornando-os inteligíveis através de variáveis. A segunda, por sua vez, busca investigar os fenômenos, fatos ou situações em sua profundidade interna.

A abordagem qualitativa, a qual nos deteremos neste artigo, pode ser compreendida como um processo de reflexão e análise da realidade, através da utilização de métodos e técnicas que possibilitem a compreensão do objeto de estudo em seu contexto histórico. Os aspectos qualitativos em educação começaram a ser alvo de interesse contínuo dos pesquisadores da América Latina em meados da década de 70, conforme pontua Triviños (1987). Até então, o foco era direcionado majoritariamente para os estudos de ordem quantitativa, em consonância com a dimensão positivista vigente, encarregada de explicar os fenômenos sociais.

Na pesquisa de natureza qualitativa, o fenômeno é observado em sua complexidade e de acordo com suas particularidades. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), a pesquisa qualitativa preocupa-se com “aspectos da realidade que não podem ser quantificados,

centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Desse modo, os estudos com enfoque qualitativo não alcançariam a profundidade almejada utilizando somente dados estatísticos, que são próprios da pesquisa quantitativa.

Algumas características qualificam uma investigação como qualitativa, diferenciando-a das demais. Bogdan e Biklen (1994) apontam a importância de que, nesse tipo de abordagem, a fonte direta de dados seja o ambiente natural, pois é o local onde as relações são desenvolvidas e os fatos naturais ocorrem. Por esse motivo, a investigação qualitativa também é conhecida como investigação naturalista (TRIVIÑOS, 1987). Nesse sentido, o investigador mostra-se como principal instrumento, pois precisa fazer um investimento significativo de tempo e esforços no processo de pesquisa, exercendo um papel fundamental na coleta e análise dos dados, segundo os autores supracitados.

Os investigadores qualitativos compreendem a necessidade de frequentar os locais de estudo por considerarem o contexto um aspecto crucial na compreensão do objeto estudado. O entendimento das ações, gestos e falas pode ser ampliado na medida em que são observados no ambiente de sua ocorrência, conforme Bogdan e Biklen (1994). De acordo com esses autores “divorciar o ato, a palavra ou gesto do seu contexto é perder de vista o significado” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48). Dessa forma, compreender com profundidade um dado objeto requer um olhar multifacetado que esteja direcionado aos aspectos sociais, culturais, históricos, econômicos, dentre outros.

A investigação qualitativa é também descritiva, ou seja, há uma valorização da riqueza dos dados sem reduzi-los a meros símbolos numéricos. Nessa perspectiva, o pesquisador se propõe a descrever minuciosamente os dados de forma a explicitá-los o mais próximo possível da realidade observada. Além disso, na abordagem qualitativa, o processo é mais valorizado do que os resultados, uma vez que é durante o processo que as peculiaridades e as vicissitudes da situação observada são passíveis de análise (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Os pesquisadores que atuam em investigação qualitativa analisam os dados de forma indutiva, sem a pretensão de testar hipóteses ou teorias construídas previamente. Pelo contrário, à medida que os dados são colhidos, o pesquisador vai delimitando o seu percurso de acordo com as questões que se mostram mais importantes. Sendo assim, a construção da pesquisa se desenvolve ao longo do próprio processo de pesquisa, numa perspectiva que é de “baixo para cima”.

Por fim, o significado é primordial na abordagem qualitativa, tendo em vista que os investigadores dessa abordagem se interessam por compreender a forma como as diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. Minayo e Sanches (1993) afirmam que a abordagem qualitativa se situa no campo da subjetividade e do simbolismo. Desse modo, a palavra mostra-se como a principal expressão subjetiva das relações cotidianas, transmitindo as representações sociais dos mais diversos grupos. Observa-se, portanto, a abordagem qualitativa numa busca por apreender os significados atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos analisados, não se limitando a uma visão externa e objetiva dos dados.

Sendo assim, na perspectiva qualitativa, o significado que os participantes atribuem às mais diversas situações pode ser apreendido pelo pesquisador a partir das suas vivências e diálogos desenvolvidos com os participantes no local de estudo. Em outros termos, Bogdan e Biklen (1994) afirmam a valorização da perspectiva participante no processo de pesquisa, o que permite uma compreensão adequada da dinâmica interna das situações, algo que não seria possível apenas observando externamente o mesmo evento.

A caracterização da pesquisa qualitativa apresentada traz evidências de que esta é a abordagem em pesquisa que melhor coaduna com a investigação de um fenômeno em sua complexidade e em seu contexto natural e histórico. Dentro do escopo da pesquisa qualitativa, insere-se a pesquisa-ação, enquanto metodologia de pesquisa que parte da pressuposição de que

pesquisa e ação devem caminhar juntas, com o objetivo primordial de conduzir a uma transformação da prática.

A pesquisa-ação deve, essencialmente, levar a um processo de reflexão que reverbera no contexto social em que ela ocorre. Ghedin e Franco (2011) pontuam a necessidade de levar em consideração a voz do sujeito, valorizando-a em todo o processo de pesquisa. Levando em consideração o caráter colaborativo da pesquisa-ação, as estratégias a serem utilizadas ao longo do processo de pesquisa não são definidas a priori, mas pensadas e construídas no coletivo, sendo assim, há uma “imprevisibilidade nas estratégias a serem utilizadas” (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 214). Ainda, de acordo com os autores, a pesquisa-ação, enquanto prática dialética e crítica, não só precisa levar os sujeitos envolvidos a um processo de reflexão, como também, conduzi-los a uma participação consciente.

O caráter formativo dessa modalidade de pesquisa é algo evidente, tendo em vista que os sujeitos se tornam conscientes das mudanças ocorridas em si mesmos e no processo. E, nesse sentido, possui também caráter emancipatório, pois possibilita aos participantes se libertarem de crenças limitantes, que inviabilizavam mudanças efetivas.

Essa modalidade de pesquisa apresenta como condição fundamental “o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, e nela as mudanças serão negociadas e geridas no coletivo.” (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 213). Além disso, a pesquisa-ação valoriza os saberes e práticas dos profissionais envolvidos e possibilita ao pesquisador um papel ativo no processo de intervenção da realidade em que está inserido. Segundo Thiollent (1986, p. 14):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Um dos principais objetivos da pesquisa-ação é proporcionar aos pesquisadores e ao grupo de participantes os meios para darem respostas eficientes aos problemas da situação vivenciada por eles, sob forma de ações que produzam mudanças na realidade.

A pesquisa-ação, enquanto instrumento de mudança social, tem no conhecimento prático um lugar de grande interesse na pesquisa. De acordo com Barbier (2007) não deve haver a elaboração prévia de hipóteses por parte do pesquisador, pois o trabalho parte da constatação de uma problemática preexistente em determinado contexto social. Por ser interativa, os instrumentos utilizados também requerem a efetiva participação da coletividade, assim como a análise e interpretação dos dados. Os resultados são comunicados posteriormente à comunidade, uma vez que o *feedback* é um traço importante da pesquisa-ação. Nesse contexto, o papel do sociólogo é o de um mediador, criando condições favoráveis para a análise do problema em questão e para a tomada de consciência sobre as condições que contribuem para a sua manutenção.

Barbier (2007) aponta alguns conceitos relevantes no processo de pesquisa-ação, denominados por ele de noções-chave. Aqui enfatizamos o conceito de escuta sensível que tem como fundamento a empatia e reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não faz juízo de valor, não compara e busca compreender o outro sem necessariamente aderir às suas ideias. Possui ainda como característica a não interpretação para suspender todo julgamento, assim sendo, o desconhecido se revela em forma de surpresa. Posteriormente, após o estabelecimento de um vínculo de confiança, algumas elaborações interpretativas podem ser feitas, que seria o “atribuir um sentido” ao que foi dito. A escuta sensível também considera a totalidade do ser humano a partir da sua abertura holística. Além disso, valoriza a consciência do “aqui e agora”, típico das técnicas meditativas.

Diante dos aspectos expostos, entendemos o cunho pedagógico e emancipador da pesquisa-ação, a qual considera o sujeito em todas as suas particularidades, enfatizando a participação do pesquisador que deve constantemente questionar-se sobre o seu fazer. Ressaltamos ainda que, apesar de ser dinâmica e interativa, garantindo abertura a possíveis adequações ao longo do processo, a pesquisa-ação busca garantir rigor nas etapas a que se propõe. Portanto, mostra-se uma metodologia passível de ser utilizada nos mais variados campos de atuação.

### 3 A pesquisa-ação e as relações étnico-raciais na Educação Superior

O racismo é uma construção histórica, social e cultural e precisa ser analisado a partir dessas várias facetas. Na sociedade brasileira, foi sendo construído durante o período colonial, quando houve a exploração de determinadas populações inferiorizadas. Almeida (2019, p. 23) define o racismo como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e, que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem”. Dessa forma, a raça é uma categoria que diferencia grupos marcados pelo fenótipo, sendo as características físicas dos indivíduos utilizadas para hierarquizar grupos raciais, com o objetivo de afirmar a superioridade de um grupo em relação a outro.

Na sociedade brasileira, o racismo não se dá unicamente em decorrência dos aspectos culturais dos diversos grupos étnico-raciais, mas em sua relação com os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos que pertencem a esses grupos, de acordo com Gomes (2005). Nas palavras da autora “vivemos em um país com uma estrutura racista onde a cor da pele de uma pessoa infelizmente é mais determinante para o seu destino social do que o seu caráter, a sua história, a sua trajetória (GOMES, 2005, p.46). Nesse sentido, comumente a aparência física é utilizada para configurar a competência ou o valor de alguém no Brasil.

A Educação Superior, na atualidade, tem vivenciado transformações decorrentes de demandas sociais, culturais e econômicas, além das políticas educacionais vigentes. As universidades, que outrora serviam à formação acadêmica das classes abastadas da sociedade, cada vez mais tem seu espaço constituído pelos diversos grupos socioculturais. Segundo Gomes (2008); Nogueira e Guzzo (2017), essa realidade tem sido possível graças às políticas de ações afirmativas implementadas no país, que surgem com o objetivo de corrigir desigualdades historicamente construídas, além de possibilitar oportunidades igualitárias aos grupos sociais e étnico-raciais com histórico de segregação e exclusão.

Apesar da pluralidade cultural inerente aos contextos educativos, observamos que esses espaços ainda permanecem sendo propícios para diversas manifestações de ordem discriminatória, embora haja um discurso de pretensa igualdade. Estudos apontam que a maior causa dos problemas educacionais de alunos negros é o racismo. Sendo assim, Feldmann (2017) aponta a responsabilidade da escola no sentido de dirimir os efeitos da desigualdade social. A autora ainda chama atenção ao fato de que, apesar de ser um local propício para promover a igualdade racial, a escola, contraditoriamente, apresenta-se como um espaço de grande discriminação. Realidade esta que tem sido observada também no contexto universitário.

A realidade apresentada nos impulsiona ao desenvolvimento de pesquisas e discussões que desnaturalizem as desigualdades historicamente reproduzidas e ao desenvolvimento de ações para melhorias no processo educativo, conforme pontuam Santana, Pereira e Rodrigues (2014). Os novos perfis de estudantes que passaram a ter acesso a esse nível educativo nos motiva à produção de conhecimentos no intuito de compreender os desdobramentos da democratização do acesso à Educação Superior, bem como as características do processo

formativo nesse contexto. Portanto, faz-se necessária a problematização de práticas que reforçam, na sala de aula, processos discriminadores presentes na sociedade.

Diante desse cenário, compreendemos que uma educação que promova a equidade étnico-racial é uma demanda social que reverbera no contexto universitário. A promulgação da lei 10.639 de 2003 (que alterou a Lei 9.394, de Diretrizes e Bases da Educação/LDB), garantiu a obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Africana e Afro-brasileira” no currículo oficial do país. No entanto, apesar dos avanços obtidos a nível teórico, ainda há muitas instituições educativas que não conseguiram desenvolver uma educação efetivamente antirracista. Portanto, partimos da necessidade de que as mudanças sejam percebidas também a nível prático impactando diretamente as relações interpessoais que são estabelecidas no cotidiano universitário.

A partir das considerações sobre o contexto educacional brasileiro, reforçamos a importância do desenvolvimento de pesquisas qualitativas que ultrapassem a mera escuta dos sujeitos e a análise descritiva da situação investigada. Especialmente no contexto da educação para as relações étnico-raciais, observamos a necessidade de ações interventivas na realidade, que sejam construídas coletivamente a partir da participação ativa dos sujeitos envolvidos.

É nesse contexto que pontuamos a pesquisa-ação enquanto um caminho metodológico fundamental para o desenvolvimento de uma temática que é tão necessária e urgente. Ferraz (2016) afirma que a metodologia da pesquisa-ação traz para a discussão alguns aspectos que costumamos “colocar debaixo do tapete”. Na perspectiva da autora, somente as denúncias sobre o racismo das escolas ou universidades são insuficientes, mais do que isso, é importante produzir conhecimentos que se concretizem em ações, não limitando-as apenas ao plano do discurso.

Nesse sentido, traremos algumas etapas do método em pesquisa-ação como possibilidade de efetivo enfrentamento à realidade do racismo na Educação Superior. Barbier (2007) aponta que quatro temáticas devem ser consideradas, a saber: (1) a identificação do problema e a contratualização, (2) o planejamento e a realização em espiral, (3) as técnicas de pesquisa-ação e (4) a teorização, a avaliação e a publicação dos resultados.

Sobre a identificação do problema, normalmente, o pesquisador acolhe uma situação-problema, a partir da solicitação dos membros do grupo que vivenciam a realidade. Ou seja, não é o pesquisador que suscita a pesquisa-ação, ela geralmente é fruto de uma dificuldade da vida cotidiana, de acordo com Barbier (2007). Quanto à temática das relações étnico-raciais, esta deve ser uma dificuldade já vivenciada pelos membros do grupo em questão. O pesquisador, então, vai buscar escutar as demandas, sem julgamentos, sempre atento às vozes marginalizadas que não costumam ser escutadas, nesse caso, aqueles que vivenciam na pele situações cotidianas de racismo. Posteriormente, formaliza-se o contrato escrito com o grupo, devendo ser aberto por considerar a participação ativa dos demais membros. Nessa etapa, também deve-se definir o pesquisador-coletivo (aqueles que estão mais envolvidos na resolução do problema em questão) e os membros do grupo-alvo.

Desse modo, a partir do diagnóstico inicial desenvolvido em conjunto, algumas hipóteses são formuladas e constantemente revistas ao longo do processo. Em cada fase da pesquisa, observa-se um caráter interativo e de coformação, de acordo com Barbier (2007, p.121): “A dialética do pesquisador profissional e dos pesquisadores técnicos no âmago do pesquisador coletivo e, depois, a do pesquisador coletivo com o conjunto do grupo-alvo, estimulam constantemente o *movimento da pesquisa-ação* [grifo nosso]”. Esse movimento constante é inerente à pesquisa-ação, pois é um processo que varia conforme as análises feitas com o grupo ao longo do processo.

Em pesquisa-ação, o pesquisador pode se utilizar de algumas técnicas que o ajudam a compreender o fenômeno em suas particularidades. Na observação participante predominantemente existencial, por exemplo, o pesquisador tem um papel ativo dentro do

grupo, sendo aceito amplamente por seus membros, através de um vínculo de confiança. Essa técnica permite uma compreensão afetiva e imaginária dos membros do grupo-alvo, mas também do pesquisador coletivo, mostrando-se uma ferramenta rica para obtenção de informações (BARBIER, 2007). Dessa forma, ao adentrar no contexto educativo, o pesquisador deve evitar se colocar numa posição de superioridade com relação aos membros daquele contexto, pois isso pode gerar impedimentos ou até inviabilizar o desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, cumpre-nos salientar que na pesquisa-ação a teoria advém da avaliação permanente da ação. Em cada momento da pesquisa, a avaliação e a reflexão devem vir antes e depois da ação, pois toda nova ação precisa considerar os impactos e observações feitas pelos membros do grupo-alvo, de acordo com Barbier (2007). A avaliação final da pesquisa consiste em refletir sobre as mudanças reais ocorridas nos comportamentos das pessoas e grupos ou na situação investigada, buscando avaliar também os impactos disso a longo prazo. Sendo assim, o pesquisador deve verificar se as reflexões desenvolvidas de forma grupal trouxeram impactos efetivos nas práticas daquele grupo e no contexto educativo investigado.

Partindo-se da caracterização e do método que rege a pesquisa-ação, pudemos constatar que a sua utilização, no contexto universitário para trabalhar a temática étnico-racial, pode proporcionar inúmeros ganhos, a nível pessoal e coletivo, além de ser uma experiência rica para todos os profissionais e sujeitos envolvidos na pesquisa. Cada contexto possui suas especificidades e limitações, portanto, não se pode haver a pretensão de obter respostas prontas sobre uma dada situação principalmente quando se trata de uma temática tão complexa. Ao longo desse processo, a única garantia é a de proporcionar reflexões e desconstruções causando desconforto com relação aos padrões de poder já estabelecidos em uma dada realidade, além de suscitar inúmeras questões que talvez não houvessem sido abordadas até então. São essas reflexões advindas do processo de pesquisa-ação que permitem ações transformadoras da realidade. E é nisso que reside a beleza da pesquisa-ação.

#### 4 Considerações finais

A sociedade brasileira é marcada pelo racismo, o que se reflete nos mais variados contextos, inclusive nas instituições formais de educação. No contexto universitário a realidade não se distingue do restante da sociedade. As universidades têm seu espaço constituído pelos mais diversos grupos socioculturais, o que foi possível muito em decorrência das políticas de ações afirmativas implementadas no país. A despeito dessa realidade, a educação para as relações étnico-raciais nesse nível educativo ainda carece de pesquisas que gerem mudanças a nível prático.

Compreendemos que a educação é uma área fundamental no que se refere à realização de intervenções que possibilitem a superação de preconceitos, discriminação, estereótipos e o racismo propriamente dito. Sendo assim, ao longo do trabalho, buscamos discutir as contribuições da metodologia qualitativa nesse contexto, mais especificamente, da pesquisa-ação e suas possibilidades interventivas. A ação de construção coletiva, típica da pesquisa-ação, mostrou ser uma possibilidade de efetivo enfrentamento à problemática observada. A mera teorização sobre a temática, apesar de necessária, não consegue ser capaz de abranger a complexidade de uma realidade social que continua a manter práticas racistas ao longo dos anos.

Nessa perspectiva, a pesquisa-ação apresentou-se como uma metodologia que aborda apontamentos teóricos, mas ultrapassa a simples teoria, buscando gerar impactos na realidade observada. A intervenção numa realidade complexa é uma tarefa desafiadora, mas a realidade do racismo nos contextos educativos precisa ser questionada e combatida, apesar das

dificuldades advindas desse processo. A universidade enquanto formadora de novos profissionais não pode ser mais um campo de discriminação e desigualdades, pelo contrário, deve ser um local de aprendizados a nível interpessoal, social e científico.

A partir das considerações desenvolvidas ao longo do trabalho, observamos que o profissional que atua com a pesquisa-ação na Educação para as Relações Étnico-Raciais mantém, portanto, o compromisso com uma sociedade mais justa e igualitária. A omissão frente a uma realidade tão avassaladora não deve ser uma opção, por isso, cada vez mais há a necessidade de engajamento no combate às práticas racistas ou que naturalizem o racismo na sociedade brasileira. Apesar de o presente estudo apontar caminhos teóricos, ressaltamos a importância de que mais estudos sejam produzidos com fins de conduzir à desconstrução do racismo no contexto da Educação Superior. Pesquisas com essa linha temática proporcionarão maiores subsídios para os profissionais que atuam no contexto universitário, bem como melhorias na atuação destes.

Por fim, cabe-nos reafirmar que a pluralidade cultural e a diversidade de grupos sociais são uma realidade presente nos diversos contextos educativos de nosso país e, portanto, devem ser valorizadas a partir do reconhecimento dos diferentes sujeitos inseridos nesse contexto. Essa valorização só se mostra possível à medida que a visão etnocêntrica acerca do outro é desconstruída e substituída por uma visão de acolhimento e respeito pela história de lutas e superações que “o outro” carrega. A promoção de espaços de reflexão e escuta são cruciais nesse processo, possibilitando a inter-relação entre as diversas culturas e o compromisso com a desconstrução de práticas racistas que ainda se perpetuam na Educação.

## Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

FELDMANN, Mariana. **Escola pública e relações étnico-raciais: o papel da Psicologia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Campinas, SP, 2017.

FERRAZ, Bruna Rocha. **EJA e Educação para as Relações Étnico-Raciais: uma proposta de pesquisa-ação em uma escola do Guará/Distrito Federal**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade de Brasília. Brasília: DF, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo Silveira (orgs). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos. São Paulo: Cortez, 2011.

GOMES, Nilma Lima. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementa o da Lei 10.639/03. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Ant nio Flavio. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 76-89.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Od cio. Quantitativo-Qualitativo: Oposi o ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/set, 1993.

NOGUEIRA Simone Gibran; GUZZO, Raquel Sousa Lobato. Que educa o das rela es étnico raciais queremos no século XXI? Uma leitura psicossocial e crítica da desumaniza o eurocêntrica e racista. **Revista da Associa o Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 9, n. 22, p. 409-431, 2017.

SANTANA, Alba Cristhiane; PEREIRA, Alciane Barbosa Macedo; RODRIGUES, Larissa Goulart. Psicologia Escolar e educa o superior: possibilidades de atua o profissional. **Revista Quadrimestral da Associa o Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 229-237, maio/ago., 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-a o**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986. Cole o temas básicos de pesquisa-a o.

TRIPP, David. Pesquisa-a o: uma introdu o metodológica. **Educa o e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em 23 jan. 2021.

TRIVI OS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdu o   pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educa o**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.